



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JOSEFA RUFINO BARBOSA

CAMÕES E O DESCONCERTO DO MUNDO

GUARABIRA-PB

2012

JOSEFA RUFINO BARBOSA

CAMÕES E O DESCONCERTO DO MUNDO

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, para obtenção do título
de Licenciada em Letras, Habilitação - Português,

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Wanilda Lima Vidal de Lacerda

GUARABIRA-PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

B238c	<p>Barbosa, Josefa Rufino</p> <p>O Camões e o desconcerto do mundo / Josefa Rufino Barbosa. – Guarabira: UEPB, 2012.</p> <p>16f.:il., Color.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.</p> <p>“Orientação Prof. Dr. Wanilda Lima Vidal de Lacerda”.</p> <p>1. Camões 2. Lírica 3. Renascimento I. Título.</p> <p>22.ed. CDD 869.8</p>
-------	---

JOSEFA RUFINO BARBOSA

CAMÕES E O DESCONCERTO DO MUNDO

BANCA EXAMINADORA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof.ª Drª Wanilda Lima Vidal de Lacerda - CPF 02501014-34

Orientadora

Marilene Carlos do Vale Melo

Prof.ª Drª Marilene Carlos do vale Melo CPF = 070852904-63

Examinadora

José Haroldo Nazare Queiroga

Prof.º Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga

Examinador

CPF = 086986684-04

Aprovada em 26 / 6 / 2012

GUARABIRA-PB

2012

CAMÕES E O DESCONCERTO DO MUNDO

RESUMO

Buscando analisar poemas da lírica camoniana, no que diz respeito à temática do “desconcerto do mundo”, recorreremos como suporte teórico a vários autores que se dedicaram a estudar a lírica camoniana tais como: BERARDINELLI (1991), CIDADE (1984), CAMÕES (1971), GOTLIB (1990), MOISÉS (2010), SARAIVA (1959-1967-2005). Iniciamos nosso trabalho com uma abordagem sobre o Renascimento, pois é nessa escola que encontramos características da lírica de Camões. Os poemas selecionados para análise do tema principal foram os sonetos, “O dia em que nasci moura e pereça”, “Alma minha gentil, que te partiste”, e na canção “Babel e Sião”. Neles ficam evidentes os conflitos enfrentados pelos seres humanos em situações de dificuldades da vida, tais como: desilusão, perda de entes queridos, exílio, de modo tal que se apresenta como saída fundamental a morte.

Palavras- chave: Camões; Lírica; Renascimento; Desconcerto do mundo; Morte.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo ocupa-se da lírica camoniana, mais especificamente de poemas que trazem, em sua temática, situações inerentes ao desconcerto do mundo, abordando a respeito da linguagem, da estrutura dos poemas da época, e o contexto em que nasceu esse estilo literário voltado às questões humanas, e ainda, alguns autores que inspiraram o poeta, Luís Vaz de Camões, a construir a sua lírica. Para tanto, apresentamos uma síntese da época Renascentista, por ser uma das fontes onde o poeta bebeu ao construir sua lírica. Sendo assim, o Renascimento será o ponto de partida para a análise de dois sonetos, “O dia em que nasci moura e pereça”, “Alma minha gentil, que te partiste”, e a canção, “Babel e Sião”, que falam, exatamente, dos desconcertos do mundo, ou seja, dos desajustes do ser humano.

Para o desenvolvimento deste trabalho, buscamos a colaboração de alguns estudiosos da lírica camoniana, como: BERARDINELLI, SARAIVA, CIDADE, MOISÉS, GOTLIB, e a BÍBLIA. Esta, pelo fato de Camões ter se baseado no salmo 136, ao compor a canção “Sôbolos rios”, aqui analisada, no que mostra aspectos da temática do “desconcerto do mundo”, tais como as circunstâncias adversas da vida e a busca incessante do ser humano por

uma vida tranquila, sem sofrimentos. Em meio a isto, aparece, então, o desejo do homem pelo espaço celestial; o mesmo sempre fora uma constante nas obras dos poetas da literatura clássica, que buscaram enriquecer seus poemas com os elementos místicos. Desta forma, retomamos a filosofia de Platão e seus seguidores que primavam por uma religião intimista, seguindo, desta forma, a academia de Florença, que também vai aparecer ao longo deste trabalho.

Contudo, veremos aqui, que a lírica camoniana ganhou todos os contornos dos clássicos, com uma delicadeza que sempre aparece em seus poemas como os que abordam as questões amorosas. Constatamos, também, como o poeta consegue separá-la de temas tão contraditórios como esses dos conflitos humanos. Sendo assim, fazemos uma abordagem de sua vida que, certamente, nos ajudará a entender de maneira mais cuidadosa o seu lirismo e a escolha dos temas que permeiam o lirismo camoniano.

2. CAMÕES E O RENASCIMENTO

O sentido lato do Renascimento está ligado ao desenvolvimento das cidades, das indústrias e das atividades comerciais. Com este, que era chamado de *fase moderna da sociedade*, os movimentos culturais, literários e as artes de um modo geral, ganharam novas aspirações e não mais se mantinham pela cultura clerical, ou seja, as ideias da igreja não cabiam mais dentro desta cultura, que naquele momento, se abriam às novas concepções de mundo, ganhando a liberdade que os poetas sempre buscaram expor em suas obras.

Nessa época, aconteceram várias descobertas como: a tipografia, por volta do século XV, a artilharia, os novos processos de exploração de minas, novos caminhos na área da ciência e da matemática. Foi, em meio a estas novas tendências, que surgiram as explorações marítimas, tendo em vista a expansão dos territórios de Portugal. Além disso, os portugueses desejavam chegar às Índias e à América. Aconteceu o encontro de civilizações, que, até então, eram desconhecidas; (um bom exemplo é a China). Todos estes fatos dão uma dimensão multissecular ao continente europeu, modificando, acima de tudo, costumes e crenças.

Foi em meio a estas novas realidades que a cultura greco-latina ganhou muito mais abrangência, as questões humanistas surgiram com força, contando como empenho de um grupo formado por letrados, com funções diplomáticas, de chancelaria. Para estes, o Humanismo era muito mais do que uma tendência literária; era um elemento de transformação das ações que deram um novo rumo à existência humana, como nos explica Cidade (1984, p. 140): “O Humanismo, no conceito de Hoffdinge” não designa apenas uma

tendência literária, uma escola de filosofia, senão também uma direção da vida, caracterizada pelo interesse que se confere ao elemento humano, como objeto de observação e como fundamento da ação”.

Todas estas ideias humanistas têm como berço a Itália, sendo Petrarca um de seus filhos mais ilustre, conhecido como *príncipe dos poetas*, que fez com que as mesmas se expandissem pela Europa; este feito foi realizado através de suas muitas viagens pelo continente. Justamente com ele, outros poetas como Boccaccio, Poggio, Alberti, fazem conhecer textos que até então eram desconhecidos, como nos informa Saraiva e Lopes (2005, p. 173) “[...] Letrados italianos descobrem e dão a conhecer textos ignorados de Tácito, Cícero, Quintiliano, Tito Lívio”. Estes se encontravam na Itália para participarem do concílio quatrocentista junto a outros intelectuais, como Filelfo, e Lourenço, sendo este, fundador da filosofia clássica que, segundo Saraiva e Lopes, (2002, p. 173), contribuiu para que a língua e a cultura helênica se tornassem conhecida. Porém, as bases desta cultura se encontram em Florença, com a influência de Cosmo de Médici, que seguia as ideias neoplatônicas, e fundador da importante Academia Platônica. Esta foi muito bem frequentada por aqueles que foram responsáveis pela ligação da ciência matemática do Renascimento, com as tradições da religião judaica como nos informa Saraiva e Lopes (2005, p. 173):

[...] Pico della Mirandola, Leão-Baptista Alberti e outros; Ficino, e Mirandola procuraram incorporar na doutrina cristã tradições esotéricas afins do neoplatonismo, como a do hermetismo de pretensa origem egípcia, a do misticismo dos Gnósticos e a da cabala judaica, incluindo a alquimia e a astrologia; este esoterismo permeia todo o Renascimento e apresenta, mesmo posteriormente, complexas ligações com as ciências matemáticas e experimentais nascentes.

Foi no século XI que este humanismo ultrapassou os Alpes italianos seguindo toda a Europa. Mas os seus rigores na erudição e a crise religiosa promoveram atitudes mais agressivas que passaram por entre conflitos com universidades, sobretudo as de teologia, com foi o caso de Paris, que contando com a presença de Francisco I, deram início ao novo método de ensino, tendo como um dos seus mestres, o helenista Guilherme Budé. Já na Espanha, o Humanismo se fez presente na Universidade de Salamanca, sendo o responsável o Cardeal Cisneros. É o que nos transmite Saraiva e Lopes, (2005, p. 174).

Porém, é de fundamental importância que saibamos que o Humanismo era contrário às ideias Escolásticas e as combatia com muita força. O mesmo tinha como ideal pedagógico, a harmonia entre as mentalidades morais e estéticas do ser humano, as mesmas tinham alguns

difusores do mais alto gabarito, como Guilherme Budé, já citado anteriormente, Antônio de Nebrija, Juan Luis Vives entre outros, que buscavam substituir a retórica formal pela leitura e comentário de textos clássicos. No entanto, vale lembrar, que esse combate era do ponto de vista filosófico tendo como resultado a adesão dos conceitos platonistas, como nos diz Saraiva e Lopes, (2005, p. 174): “Sob o ponto de vista filosófico, os Humanistas combatem o aristotelismo escolástico, muitos voltam-se para Platão e para os filósofos neoplatônicos [...]”. Foi, também, através dos autores gregos e romanos, que o Humanismo buscou adaptar sua métrica, rima à estilística e disciplina gramatical.

Luís Vaz de Camões teve seu estilo artístico todo pautado pelas ideias humanísticas, dada a sua formação educacional que a família fez questão de lhe oferecer, educação que só poderia ter sido alcançada nos *colégios de artes*. “Camões é, mais do que um homem de letras, um letrado, e o mais sabedor letrado do nosso século XVI, ...” (SARAIVA,1967, p. 148). A família de Camões passava por dificuldades financeiras. Na verdade, os estudos apontam tratar-se de gente pobre, que buscava manter-se em meio à nobreza, e se esforçava para dar ao rapaz uma educação de nível elevado, semelhante a dos filhos dos nobres. “É evidente que a família de Luís Vaz quis educar o moço para um rumo de vida melhor do que aquele que veio a ter”. (SARAIVA,1967, p. 148). Porém, todo o refinamento explícito nas obras camonianas vêm de poetas italianos, castelhanos e filósofos gregos. O que mais o influenciou foi Petrarca, poeta italiano. Além deste, os modernos como: “Bembo, Garciloso, Ariosto, Tasso, Bernardino Ribeiro entre outros”. (SARAIVA, 1967 p. 148).

Mas estes não lhe foram apresentados nas escolas, e sim, nas rodas onde se transmitia a literatura de forma oral, em livros raros e “manuscritos” que traziam à literatura cancioneiros populares. E, ainda, Camões recebeu a herança educacional da sua família através do seu tio D. Bento, frade crúzio, que, certamente deve ter contribuído com sua formação religiosa. Os estudos dão conta de que o poeta deve fazer parte de uma destas famílias que podem ser classificadas de decadentes, “Tudo leva a crer que Camões é um destes fidalgos arruinados que enchem a Península nos séculos XVI e XVII e que, pouco mais possuía do que a telha que os cobre...” SARAIVA (1967, p. 148). Além disso, o poeta conviveu, durante a juventude, com gente inclinada à literatura clássica que costumava declamar em rodas, com homens *letrados*. Estes grupos ocupavam os palácios, as salas dos nobres, como nos mostra Saraiva (1967,p.149):

É evidente, portanto, que Camões conviveu com letrados ou amadores das letras, na sua juventude, a tempo de incorporar no seu sangue o miolo daqueles autores. Não era, evidente, na taberna ou no bordel

“Mal cozinhado”. Onde ele era assíduo, que se formavam tais rodas, mas sim em círculos palacianos ou satélites.

Sendo, então, aparentemente, um rico excluído, restava-lhe a educação eclesiástica, pôs em suas obras as manifestações de uma formação humanística peculiar dos colégios de artes. E era nessa época que Portugal vivenciava o início do Humanismo,

Funcionavam em Coimbra, recentemente transferidas de Lisboa, as cadeiras de Teologia, Logística, Latim, Grego e Hebreu, três cadeiras de Teologia, as Faculdades de Medicina, de Cânones e de Leis, além de uma de Matemática. (SARAIVA, 1959, p.9).

Foi munido de toda essa formação que Camões buscou bases para escrever, compor seus poemas de linguagem inconfundível. Além disso, teve fontes inspiradoras que o ajudaram a enriquecer ainda mais sua lírica. Um deles foi Petrarca, poeta italiano, cujos poemas continham harmonia, suavidade e continuidade. “A poesia de Petrarca decorre como rio manso, num ritmo harmonioso e cheio, sem quebras”. (SARAIVA, 1959, p. 51). Mas, vale lembrar que Camões, também, em razão de sua formação literária, tinha fácil acesso à Corte. Desta forma passou a servi-la alistando-se, para militar, como combatente. E foi em um das batalhas que perdeu o olho direito, “[...] ferido em combate, perdeu a vista direita, detalhe que se incorporou àquela imagem do poeta que a História haveria de consagrar”. (CIDADE, 1971, p.16). Outro fato que marcou a vida do poeta, de maneira profunda, foi a morte da amada Dinamene, em um naufrágio. A ela, Camões dedicou um dos poemas que será aqui analisado.

A vida amorosa do poeta sempre foi cheia de percalços. Além desta perda que o fez sofrer, ainda foi suspeito de envolvimento amoroso com uma das moças do Paço, influenciando seu desterro para o Marrocos, conforme nos informa Saraiva,(1959,p. 10),”Os primeiros biógrafos de Camões aludem ao desterro como castigo de certos amores no Paço”.Camões foi, então, um homem que se deixou influenciar pelo mundo em sua volta.Buscou conhecer as ciências, a filosofia, a cosmologia, a alquimia, a astrologia e as artes de um modo geral. Todas elas aparecem em suas obras, já que o Humanismo está sempre abordando situação da vida, um Humanista convicto, envolvido por todas as ideias que permeavam este movimento.

Camões morreu em, 1580 numa pobreza extrema. Só após sua morte, seu prestígio foi reconhecido e as suas obras começam a fazer sucesso. Mas ele não mais conseguiu ver a sua própria glória literária, “O prestígio do poeta só tenderia a crescer após sua morte, perdurando

até os dias de hoje” (GOTLIB, 1990, p.16), em que seu nome, goza de grande valor no meio de estudantes, professores e todos que se dedicam a estudar, a pesquisar a literatura portuguesa.

3. O DESCONCERTO DO MUNDO NOS POEMAS:

Em algumas obras, Luís Vaz de Camões usa o tema do desconcerto do mundo. Sua preocupação é mostrar as aflições por que passa o ser humano, e os anseios que alimentam, no afã de solucionar seus conflitos mais íntimos, segundo afirma Saraiva e Lopes, (2005, p. 323), ”Para Camões o problema central não é o de injustiças sociais [...] mas o da não correspondência entre os anseios, e valores, as razões e a realidade da vida social e material...”, este tema do desconcerto do mundo está presente nos sonetos a seguir.

3.1 O dia em que nasci moura e pereça

O dia em que nasci moura e pereça,
 Não o queira jamais o tempo dar;
 Não torne mais ao mundo, e, se tornar,
 Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se [lhe] escureça,
 Mostre o Mundo sinais de se acabar,
 Nasçam-lhe monstros, sangue chora o ar,
 A mãe ao próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas, de ignorantes,
 As lágrimas no rosto, a cor perdida,
 Cuide que o Mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,
 Que este dia deitou ao Mundo a vida,
 Mais desgraçada que jamais se viu!

Estruturado em versos decassílabos, apresentando o esquema de rimas ABBA/ABBA/CDE/CDE, com o predomínio de rimas interpoladas, logo nos primeiros

versos do poema, o eu lírico revela a não conformidade com a vida, como podemos comprovar, ao desejar que o “Sol” se escureça, que o “Mundo”, não mais exista e a mãe não reconheça o seu filho. Ora, o Sol é o elemento da natureza que ilumina a Terra, dando a visibilidade necessária para que o ser humano o contemple. Ele não deseja vê-lo, ver é sofrer. Este confronto com a dura realidade da vida, que o acompanha, vai permeando todo o soneto.

O poeta se sente desiludido com o mundo e amaldiçoa o dia de seu nascimento, pleonasticamente, bem no início do poema, “moura e pereça”, usando, em seguida, uma linguagem hiperbólica, conforme podemos constatar na segunda estrofe:

A luz lhe falte, o sol se [lhe] escureça,
Mostre o Mundo sinais de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chora o ar,
A mãe ao próprio filho não conheça.

A insatisfação que experimentou em vida, a miséria que o acompanhou, os desajustes que o mundo apresenta, refletem-se nitidamente nesses versos. Já na estrofe três, o eu lírico mostra-se atento a questões sociais, ao falar da ignorância que as pessoas carregam, “As pessoas pasmadas de ignorância”, e sente-se no dever de orientá-los, “cuide que o Mundo já se destruiu”. Nessa época, reinava a dominação da burguesia. Sendo assim, o povo vivia a subserviência da corte, portanto, era motivo de conforto para a coroa que as pessoas permanecessem na ignorância.

O soneto segue manifestando as inquietações do poeta a respeito dos conflitos humanos mais agudos como é o caso da “cor perdida” mencionada para evidenciar a situação do mundo, não percebida pelos “ignorantes”. Esses podem ser os que, ao contrário do poeta, não sofreram.

Na última estrofe, o poeta, como que não sentindo a solidariedade das pessoas para com o seu sofrimento, mas apenas temerosas de uma desgraça lhes acontecer, deixa claro que é seu o problema e mais uma vez recusa o dia de seu próprio nascimento.

Ó gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao Mundo a vida,
Mais desgraçada que jamais se viu!

Desta forma, o poeta encerra o soneto, como que desejando que os dias de penúria acabem, que a vida desastrosa não mais exista.

3.2 Alma minha gentil, que te partiste

Neste segundo soneto que vamos analisar expressa a dor do poeta, ao perder sua amada, Dinamene, em “Naufrágio na Indochina, na foz do rio Mecong.” (GOTLIB, 1990, p.16). A Dinamene dedicou este soneto:

Alma minha gentil, que te partiste

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida, descontente,
repousa lá no Céu eternamente
e viva eu cá na terra sempre triste

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
alguma coisa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.

Neste poema, o eu-lírico sofre a perda da mulher amada. A sua partida para a eternidade o deixa em uma tristeza permanente, já que mostra que na vida sempre existiu um descontentamento, ou seja, não tinha razões para se alegrar e agora a dor da morte o torna ainda mais triste.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente
Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Aqui o poeta conta com a ajuda da razão platônica para falar de seus sentimentos. “O conhecido soneto a Dinamene é exemplo típico desse idealismo amoroso de base racionalista”. (MOISÉS, 2010, p. 75). O poeta faz um mergulho no seu “eu” de tal forma que se desfaz, ele é nós, a vida não tem mais sentido sozinho, só junto à amada. É este um dos dilemas que aparece neste soneto, em que o eu lírico enxerga como superação da dor a própria morte; ela o levará ao encontro da amada que está na eternidade. E para alcançar esse desejo pede que ela intermedei junto a Deus esse encontro, já que Ele a levou tão cedo. Aliás, a ideia de vida curta e, conseqüentemente, tempo breve de vivência a dois, aparece reiteradas vezes:

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Eis aí uma contradição, a morte que encerra a vida, que causa dor, agora é vista como sinal de esperança para solucionar o sofrimento. Portanto, aí aparece a dicotomia própria da lírica camoniana, “[...] numa espécie de contraditória esperança, porquanto só lhe resta a morte como refrigério à dor provocada pela ausência da mulher”. (MOISÉS, 2010, p. 76). Constatamos, então, que as dores da alma humana provocadas pelas tragédias no mundo, se fazem presente neste soneto.

Do ponto de vista formal, o soneto é formado por versos decassílabos e as rimas apresentam o seguinte esquema: ABBA/ABBA/CDC/DCD, sendo, portanto, emparelhadas e interpoladas.

3.3 Análise da Canção “Babel e Sião”

A canção, “Babel e Sião”, tem como fonte de inspiração o Salmo 136, de Davi. O mesmo trata dos judeus exilados na Babilônia que, tomados de tristeza, já não tocam seus instrumentos. E é exatamente este fato de que o poeta se utiliza para compor esta canção, até porque ele mesmo vive experiência semelhante. “O exílio da pátria, acarretando a cessação do canto e o desejo de punição dos opressores”. (BERARDINELLI, 1973, p.86). É, sobretudo uma oportunidade para o poeta meditar, refletir sobre a existência humana e o sentido que ela ganha em situações como essa. Aqui veremos os pontos comuns existentes entre a canção camoniana e o canto bíblico.

Logo no primeiro versículo do Salmo é possível constatar a semelhança com a canção camoniana:

Junto aos canais de Babilônia,
nos sentamos e choramos
com saudade de Sião.”
(SALMO 136, v. 01)

Desta forma Camões também inicia seu canto:

Sôbolos rios que vão
por Babilônia m'achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Sião

Sião (Jerusalém) é, na verdade, a lembrança de um tempo em que não havia sofrimentos, então, é o bem mais desejado, tanto pelo poeta português, como pelo povo da Babilônia, uma vez que para ambos, Babilônia é a imagem do exílio. Lembramos que o poeta encontra-se distante de sua pátria, no Oriente, em Marrocos, no norte da África.

O versículo dois do referido salmo, “*Nos salgueiros de suas margens/ penduramos nossas harpas*” está contido na estrofe onze do canto. O povo, de tão escravizado, já não sente vontade de tocar seus instrumentos, nem mesmo para clamar a Deus pelos seus sofrimentos.

Vejamos, então, os versos cinquenta e quatro e cinquenta e cinco da canção de Camões que se assemelham a estes:

Nos salgueiros pendurei
Os órgãos com que cantava.

Tocar um instrumento musical seria uma ação de quem tem razões para se alegrar, é, portanto, símbolo de alegria; o eu lírico o abandona por não existir motivo para esse tipo de manifestação, daí falar de dois tempos, passado e presente. O presente é o tempo do sofrimento, que é representado por Babel; o tempo passado é o da alegria, o da glória, e é simbolizado por Sião. O lugar tão almejado pelos que sofrem tantos opressores, “...Sião, bem passado”, que é lembrado no presente, “não é gosto, mas é mágoa”, perderá a notação de tempo e se identificará com a terra de glória”. (BERARDINELLI, 1973, p. 90).

Os filhos de Sião, de tanta tristeza já não cantam mais. É o que se constata no versículo três do salmo 136, “*Lá, os que nos exilaram/ pediam canções, / nossos raptos queriam diversão: / Cantem para nós um canto de Sião!*”

E eles se indagam no versículo quatro: “Como cantar um canto em terra de Javé em terra estrangeira?” Esse mesmo sentimento, Camões expressa na estrofe dezesseis de sua canção:

Que não parece razão,
Nem seria cousa idônea,
Por abrandar a paixão,
Que cantasse em Babilônia
As cantigas de Sião.

Para o poeta, não é lícito alegrar-se quando, na verdade, se encontra a mercê de uma grande desolação, “em Babilônia”, não dá nem para cantar Jerusalém:

E se eu cantar quiser,
Em Hierusalém sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito;

O salmista, no versículo cinco, faz sua declaração de fidelidade à cidade Santa, e amaldiçoando, a si mesmo, se dela vier a esquecer-se: “Se eu me esquecer de você, Jerusalém, que seque a minha mão direita. Jerusalém é símbolo de celebração; a escravidão lhes oprime, tira as razão da alegria. Mas, tanto o salmista como o poeta dizem a cidade celeste que não irão esquecer-la, como está no versículo seis do salmo: “Que a minha língua se cole ao paladar, se eu não me lembrar de você, e se eu não elevar Jerusalém ao topo da minha alegria! O poeta, na estrofe vinte, diz:

A minha língua se apegue
Às fauces, pois te perdi,
Se me quando viver assi,
Houver tempo em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.

O eu lírico, assim como o salmista volta seu pensamento para a cidade Santa, terra de glórias, de acontecimentos que elevam o espírito, por isso é chamada de cidade Celestial.

No versículo sete, o salmista pede a Deus que mande castigos aos filhos de Edom no grande dia:

Javé, pede contas aos filhos de Edom
No dia de Jerusalém,
Quando diziam: “Arrasem a cidade!
Arrasem até os alicerces!

O mesmo faz Camões na estrofe vinte nove:

No grã dia singular,
Que na lira em douto som
Hierusalém celebrar,
Lembraí de castigar
Os roins filhos de Edom.”

O salmista, nos versículos oito e nove, faz mais uma maldição: “Ó devastadora capital de Babilônia,/feliz quem lhe devolver/o mal que você fez contra nós!/Feliz quem agarrar e esmagar/ Seus nenês contra o rochedo!”concluindo seu canto de dor, desejando que se destruam até os filhos dos seus algozes.

Já a canção camoniana termina nos fazendo entender que a chegada na terra tão almejada, encerrará todo e qualquer sofrimento:

Ditoso quem se parti
Para ti, terra excelente,
Tão justo, e tão penitente,
Que depois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

É evidente a transformação, a superação do mal que só é possível mediante o bem, que é superior ao opressor. Sendo, assim, o eu lírico se refere à terra desta maneira: “terra excelente”. O homem só poderá alcançar o descanso quando chegar a habitar essa terra expressando, assim, o seu desejo por uma vivência no espaço celestial. Toda a obra é, portanto, permeada por influências platônica, e pelas “Confissões” agostinianas como nos cita Saraiva, (1967, p.156): “O tom e o desenvolvimento destas redondilhas inspiram-se, a meu ver nas confissões de Santo Agostinho”. Saraiva ainda acrescenta que o homem sempre viveu uma busca incessante pelo espaço celestial, que aqui é representada por Sião, lugar de infinitas alegrias, portanto, Luís de Camões expõe nesta canção,o desejo do ser humano por essa terra de felicidade eterna.

Para Berardinelli (1973, p.92), esta canção tem por base *três verdades existências*: que é a do poeta, a do amante e a do crente, e questiona, ainda, se a do crente é capaz de fazer com que o homem se realize plenamente.

De acordo com a análise, aqui desenvolvida, é possível sim, que a crença eleve o espírito humano e transforme a sua utopia de felicidade neste mundo em esperança de uma vida plena na eternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo científico, tratamos acerca, exatamente, da lírica camoniana, com suas reminiscências, suas dualidades, tendo como principal elemento de análise dois sonetos, “O dia em que nasci moura e pereça”, “Alma minha gentil, que ti partiste”, e a canção, “Babel e Sião”, esta tendo como fonte inspiradora o salmo 136. Reportamo-nos, portanto, à Bíblia, pois esta é uma fonte repleta das inquietações humanas, sobretudo do desejo de alcançar a paz eterna. Em “Babel e Sião” destacamos apenas os pontos de convergência entre esta canção e o referido salmo.

A partir destes poemas, analisamos o tema neles contidos, “o desconcerto do mundo”, tão recorrente na lírica camoniana. No entanto, para o desenvolvimento desta atividade foi necessário um mergulho no período renascentista que tinha como principal alvo as questões humanas, especialmente as aflições enfrentadas pelo homem da época.

O poeta, imbuído de todo fingimento poético, tão peculiar a estes que são detentores do poder da palavra com fonte de sensibilização, fala, com propriedade, das aflições humanas, a partir das próprias vivências e experiências. É o que nos mostram os teóricos que colaboraram para a construção deste trabalho, que teve em Saraiva o autor mais consultado.

Por fim, podemos afirmar que estudar a lírica camoniana foi, de fato, de grande importância, por proporcionar descobertas que elevaram o nosso grau de conhecimento, e, ainda, pelo prazer que o poeta causa aos seus leitores, em especial aos que buscam conhecer as questões que envolvem seus poemas, sua lírica.

REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, Cleonice. **Estudos camonianos**. Rio de Janeiro: gráfica Olimpo, 1973.

BÍBLIA. **Salmo 136**. Brasília: Paulus, 1991.

CIDADE, Hernani. **Lições de cultura e literatura portuguesas**, 7 ed. Coimbra: Coimbra Editora. Limitada, 1984.

CAMÕES, Luis Vaz de. (Org. prefácio e notas de Hernani Cidade). **Poesia lírica**: Luís de Camões. Lisboa: Verbo, 1971.

GOTLIB, Nádya Battella. **Literatura comentada**. Luís Vaz de Camões. São Paulo: Nova Cultura, 1990.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 37 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

SARAIVA, Antônio José. **Luís de Camões**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1959

SARAIVA, Antônio José. **Para a história da cultura em Portugal**. 2 ed. Porto: Publicações Europa-América, 1967.

SARAIVA, Antônio José; OSCAR, Lopes. **História da literatura portuguesa**. 17 ed. Porto: Porto Editora, 2005.

ANEXOS

SALMO (136)
FIDELIDADE ATÉ NO EXÍLIO

1. Junto dos canais de Babilónia nos sentámos e chorámos, com saudades de Sião.
2. Nos salgueiros das suas margens pendurámos as nossas harpas.
3. Lá, os que nos exilaram pediam canções, os nossos raptos queriam diversão: «Cantai-nos um canto de Sião!»
4. Como cantar um canto de Javé em terra estrangeira?
5. Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita.
6. Que a minha língua se cole ao paladar, se eu não me lembrar de ti, e se eu não elevar Jerusalém acima de todas as minhas alegrias!
7. Javé, pede contas aos filhos de Edom no dia de Jerusalém, quando diziam: «Arrasai a cidade! Arrasai-a até aos alicerces!»
8. Ó devastadora capital de Babilónia, feliz quem te retribuir o mal que nos fizeste!
9. Feliz quem agarrar e esmagar os teus bebés contra o rochedo!

BABEL E SIÃO - SÔBOLOS RIOS QUE VÃO Camões

1. Sôbolos rios que vão
2. por Babilónia m' achei
3. onde sentado chorei
4. as lembranças de Sião
5. e quanto nela passei.
6. Ali o rio corrente
7. de meus olhos foi manado,
8. e tudo bem comparado:
9. Babilónia ao mal presente,
10. Sião ao tempo passado.
11. Ali, lembranças contentes
12. n'alma se representaram,
13. e minhas cousas ausentes
14. se fizeram tão presentes
15. como se nunca passaram.
16. Ali, depois de acordado,
17. co rosto banhado em água,
18. deste sonho imaginado,
19. vi que todo o bem passado
20. não é gosto, mas é mágoa.
21. E vi que todos os danos
22. se causavam das mudanças,
23. e as mudanças dos anos;
24. onde vi quantos enganos
25. faz o tempo às esperanças.
26. Ali vi o maior bem
27. quão pouco espaço que dura,
28. o mal quão depressa vem,
29. e quão triste estado tem
30. quem se fia da ventura.
31. Vi aquilo que mais val
32. que então se entende melhor
33. quando mais perdido for;
34. vi o bem suceder mal,
35. e o mal muito pior.
36. E vi com muito trabalho
37. comprar arrependimento;
38. vi nenhum contentamento;
39. e vejo-me a mim, que espalho
40. tristes palavras ao vento.
41. Bem são rios estas águas
42. com que banho este papel;
43. bem parece ser cruel
44. variedade de mágoas
45. e confusão de Babel.
46. Como homem que, por exemplo,
47. dos transe em que se achou,
48. depois que a guerra deixou,
49. pelas paredes do templo
50. suas armas pendurou,
51. assi, depois que assentei
52. que tudo o tempo gastava,
53. da tristeza que tomei,
54. nos salgueiros pendurei
55. os órgãos com que cantava.
56. Aquele instrumento ledo
57. deixei da vida passada,
58. dizendo: "Música amada,
59. deixo-vos neste arvoredado
60. à memória consagrada.
61. Frauta minha que, tangendo,
62. os montes fazíeis vir
63. para onde estáveis, correndo;
64. e as águas, que iam decendo,
65. tornavam logo a subir.
66. Jamais vos não ouvirão
67. os tigres, que se amansavam;
68. e as ovelhas, que pastavam,
69. das ervas se fartarão
70. que, por vos ouvir, deixavam.
71. Já não fareis docemente
72. em rosas tornar abrolhos
73. na ribeira florecente;
74. nem poreis freio à corrente,
75. e mais, se for dos meus olhos.
76. Não movereis a espessura,
77. nem podereis já trazer
78. atrás vós a fonte pura,
79. pois não pudestes mover
80. desconcertos da ventura.

81. Ficareis oferecida
82. à Fama, que sempre vela,
83. frauta de mim tão querida;
84. porque, mudando-se a vida,
85. se mudam os gostos dela.

86. Acha a tenra mocidade
87. prazeres acomodados,
88. e logo a maior idade
89. já sente por pouquedade
90. aqueles gostos passados.

91. Um gosto que hoje se alcança
92. amanhã já o não vejo;
93. assi nos traz a mudança
94. de esperança em esperança,
95. e de desejo em desejo.

96. Mas em vida tão escassa
97. que esperança será forte?
98. Fraqueza da humana sorte
99. que quanto da vida passa
100. está receitando a morte!

101. Mas deixar nesta espessura
102. o canto da mocidade...
103. Não cuide a gente futura
104. que será obra da idade
105. o que é força da ventura.

106. Que idade, tempo, o espanto
107. de ver quão ligeiro passe,
108. nunca em mim puderam tanto
109. que, posto que deixe o canto,
110. a causa dele deixasse.

111. Mas, em tristezas e enojos
112. em gosto e contentamento,
113. por sol, por neve, por vento,
114. terné presente á los ojos
115. por quien muero tan contento".

116. Órgãos e frauta deixava,
117. despojo meu tão querido,
118. no salgueiro que ali estava;
119. que para troféu ficava
120. de quem me tinha vencido.

121. Mas lembranças da afeição,
122. que ali cativo me tinha,

123. me perguntaram então
124. que era da música minha
125. qu'eu cantava em Sião.

126. Que foi daquele cantar
127. das gentes tão celebrado?
128. Porque o deixava de usar,
129. pois sempre ajuda a passar
130. qualquer trabalho passado?

131. Canta o caminhante ledó
132. no caminho trabalhoso,
133. por antre o espesso arvoredó;
134. e de noite o temeroso,
135. cantando, refreia o medo.

136. Canta o preso docemente
137. os duros grilhões tocando;
138. canta o segador contente;
139. e o trabalhador, cantando,
140. o trabalho menos sente.

141. Eu, que estas cousas senti
142. n' alma, de mágoas tão cheia,
143. "Como dirá, respondi,
144. quem tão alheio está de si
145. doce canto em terra alheia?"

146. Como poderá cantar
147. quem em choro banha o peito?
148. Porque, se quem trabalhar
149. canta por menos cansar,
150. eu só descansos enjeito.

151. Que não parece razão
152. nem seria cousa idónea,
153. por abrandar a paixão,
154. que cantasse em Babilónia
155. as cantigas de Sião.

156. Que, quando a muita graveza
157. de saudade quebrante
158. esta vital fortaleza,
159. antes moura de tristeza
160. que, por abrandá-la, cante.

161. Que, se o fino pensamento
162. só na tristeza consiste,
163. não tenho medo ao tormento:
164. que morrer de puro triste,

165. que maior contentamento?
166. Nem na fruta cantarei
167. o que passo e passei já,
168. nem menos o escreverei;
169. porque a pena cansará,
170. e eu não descansarei.
171. Que, se vida tão pequena
172. se acrecenta em terra estranha
173. e se amor assi o ordena,
174. razão é que canse a pena
175. de escrever pena tamanha.
176. Porém se, para assentar
177. o que sente o coração,
178. a pena já me cansar,
179. não canse para voar
180. a memória em Sião.
181. Terra bem-aventurada,
182. se, por algum movimento,
183. d' alma me fores mudada,
184. minha pena seja dada
185. a perpétuo esquecimento.
186. A pena deste desterro,
187. que eu mais desejo esculpida
188. em pedra ou em duro ferro,
189. essa nunca seja ouvida,
190. em castigo de meu erro.
191. E se eu cantar quiser
192. em Babilónia sujeito,
193. Hierusalém, sem te ver,
194. a voz, quando a mover,
195. se me congele no peito.
196. A minha língua se apegue
197. às fauces, pois te perdi,
198. se, enquanto viver assi,
199. houver tempo em que te negue
200. ou que me esqueça de ti.
201. Mas ó tu, terra de Glória,
202. se eu nunca vi tua essência,
203. como me lembras na ausência?
204. Não me lembras na memória,
205. senão na reminiscência.

206. Que a alma é tábua rasa
207. que, com a escrita doutrina
208. celeste, tanto imagina
209. que voa da própria casa,
210. e sobe à pátria divina.
211. Não é logo a saudade
212. das terras onde nasceu
213. a carne, mas é do Céu,
214. daquela santa cidade,
215. donde esta alma descendeu.
216. E aquela humana figura,
217. que cá me pôde alterar,
218. não é quem se há-de buscar:
219. é raio da fermosura
220. que só se deve de amar.
221. Que os olhos e a luz que ateia
222. o fogo que cá sujeita,
223. não do sol, mas da candeia,
224. é sombra daquela ideia
225. que em Deus está mais perfeita.
226. E os que cá me cativaram
227. são poderosos efeitos
228. que os corações têm sujeitos:
229. sofistas, que me ensinaram
230. maus caminhos por direitos.
231. Destes o mando tirano
232. me obriga, com desatino,
233. a cantar ao som do dano
234. cantares de amor profano
235. por versos de amor divino.
236. Mas eu, lustrado co santo
237. Raio, na terra de dor,
238. de confusão e de espanto,
239. como hei-de cantar o canto
240. que só se deve ao Senhor?
241. Tanto pode o benefício
242. da Graça que dá saúde,
243. que ordena que a vida mude;
244. e o que tomei por vício
245. me fez grau para a virtude.
246. E faz este natural
247. amor, que tanto se preza,

248. suba da sombra real,
249. da particular beleza
250. para a Beleza geral.
251. Fique logo pendurada
252. a fruta com que tangi,
253. ó Hierusalém sagrada,
254. e tome a lira dourada
255. para só cantar de ti!
256. Não cativo e ferrolhado
257. na Babilónia infernal;
258. mas dos vícios desatado,
259. e cá desta a ti levado,
260. Pátria minha natural.
261. E se eu mais der a cerviz
262. a mundanos acidentes,
263. duros, tiranos e urgentes,
264. risque-se quanto já fiz
265. do grão livro dos viventes.
266. E tomando já na mão
267. a lira santa e capaz
268. doutra mais alta invenção,
269. cale-se esta confusão,
270. cante-se a visão da paz.
271. Ouça-me o pastor e o rei,
272. retumbe este acento santo,
273. mova-se no mundo espanto,
274. que do que já mal cantei
275. a palinódia já canto.
276. A vós só me quero ir,
277. Senhor e grão Capitão
278. da alta torre de Sião,
279. à qual não posso subir
280. se me vós não dais a mão.
281. No grão dia singular
282. que na lira o douto som
283. Hierusalém celebrar,
284. lembrai-vos de castigar
285. os ruins filhos de Edom.
286. Aqueles, que tintos vão
287. no pobre sangue inocente,
288. soberbos co poder vão;
289. arrasai-os igualmente,
290. conheçam que humanos são.
291. E aquele poder tão duro
292. dos efeitos com que venho,
293. que encendem alma e engenho,
294. que já me entraram o muro
295. do livre alvídrio que tenho;
296. estes, que tão furiosos
297. gritando vêm a escalar-me,
298. maus espíritos danosos,
299. que querem como forçosos
300. do alicerce derrubar-me;
301. derrubai-os, fiquem sós,
302. de forças fracos, imbeles,
303. porque não podemos nós
304. nem com eles ir a Vós,
305. nem sem Vós tirar-nos deles.
306. Não basta minha fraqueza
307. para me dar defesa,
308. se vós, santo Capitão,
309. nesta minha fortaleza
310. não puserdes guarnição.
311. E tu, ó carne que encantas,
312. filha de Babel tão feia,
313. toda de misérias cheia,
314. que mil vezes te levantas
315. contra quem te senhoreia!
316. Beato só pode ser
317. quem co a ajuda celeste
318. contra ti prevalecer,
319. e te vier a fazer
320. o mal que lhe tu fizeste;
321. quem com disciplina crua
322. se fere mais que ùa vez,
323. cuja alma, de vícios nua,
324. faz nódoas na carne sua,
325. que já a carne na alma fez;
326. e beato quem tomar
327. seus pensamentos recentes
328. e, em nacendo, os afogar,
329. por não virem a parar
330. em vícios graves e urgentes;

331. quem com eles logo der
332. na pedra do furor santo
333. e, batendo, os desfizer
334. na Pedra, que veio a ser
335. enfim cabeça do Canto;

336. quem logo, quando imagina
337. nos vícios da carne má,
338. os pensamentos declina
339. àquela Carne divina
340. que na Cruz esteve já;

341. quem do vil contentamento
342. cá deste mundo visível,
343. quanto ao homem for possível,
344. passar logo o entendimento
345. para o mundo inteligível,

346. ali achará alegria
347. em tudo perfeita e cheia
348. de tão suave harmonia

349. que nem, por pouca, recreia,
350. nem, por sobeja, enfastia.

351. Ali verá tão profundo
352. mistério na suma alteza
353. que, vencida a natureza,
354. os mores faustos do mundo
355. julgue por maior baixeza.

356. Ó tu, divino aposento,
357. minha pátria singular!
358. Se só com te imaginar
359. tanto sobe o entendimento,
360. que fará se em ti se achar?

361. Ditoso quem se partir
362. para ti, terra excelente,
363. tão justo e tão penitente
364. que, depois de a ti subir,
365. lá descanse eternamente.